



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA - UAPSI

DISTANCIADOS, MAS CONECTADOS: O USO DAS MÍDIAS ELETRÔNICAS
POR CRIANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

ALLANY KALINE NASCIMENTO GOMES

CAMPINA GRANDE – PB

2022

ALLANY KALINE NASCIMENTO GOMES

DISTANCIADOS, MAS CONECTADOS: O USO DAS MÍDIAS ELETRÔNICAS POR
CRIANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em forma de artigo à Coordenação do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Professora Dra. Elaine Custódio Rodrigues Gusmão.

CAMPINA GRANDE – PB

2022

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”, CCBS - UFCG**

G585d

Gomes, Allany Kaline Nascimento.

Distanciados, mas conectados: O uso das mídias eletrônicas por crianças em tempos de pandemia da COVID-19/ Allany Kaline Nascimento Gomes. – Campina Grande, PB: O autor, 2022.

48 f. il.: Color. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Elaine Custódio Rodrigues Gusmão, Dr.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2022.

Inclui bibliografia.

1.Pandemia covid-19. 2.Criança. 3.Meios de comunicação de massa. 4.Desenvolvimento infantil. I. Gusmão, Elaine Custódio Rodrigues. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2 (813.3)

Responsabilidade técnica de catalogação:

Jônatas Souza de Abreu, Bibliotecário documentalista, CRB 15-879

ALLANY KALINE NASCIMENTO GOMES

DISTANCIADOS, MAS CONECTADOS: O USO DAS MÍDIAS ELETRÔNICAS
POR CRIANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em forma de artigo à Coordenação do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Professora Dra. Elaine Custódio Rodrigues Gusmão.

Aprovado em: 22/03/2022

NOTA: 10,0

BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Elaine Custódio Rodrigues Gusmão (UFCG)

Orientadora



Profª Dr. José Bonifere Moraes Batista (UFCG)

Examinador



Profª Dra. Flávia Moura de Moura (UFPB)

Examinadora

DEDICATÓRIA

Ao único que é digno de receber a honra e a glória, ao Rei dos reis e Senhor dos senhores. Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos.

AGRADECIMENTOS

Durante a minha caminhada na graduação vivenciei diversas estações e me transformei juntamente com elas. A princípio, experimentei um rigoroso inverno. A nova realidade e as demandas acadêmicas se revelaram como um céu nebuloso e como diria o Pequeno Príncipe, o que torna belo o deserto é que ele esconde um poço em algum lugar. Decidi, então, procurá-lo. Com o passar do tempo, os raios de sol foram mostrando sua luz e pude viver com confiança e ousadia o meu verão. Explorei novos possíveis, estive em novos papéis, me lancei nas relações e nas oportunidades e me surpreendi com os vãos que consegui alçar. No entanto, faltava algo. Nesse momento, o mundo parou. Tantas foram as incertezas, tantos foram os questionamentos e o que outrora parecia vívido e firme, perdia a cor e caía ao chão, eis o meu outono. Lembrei-me do poço e continuei a caminhar no deserto. Apesar do inevitável, consegui enxergar a vida, a mim mesma e a minha trajetória com uma nova lente, encontrei sentido e os meus passos se tornaram mais intencionais. Eis um novo desabrochar, um novo abrir-se para a vida, eis as cores, a beleza, o perfume das flores, eis a minha primavera! Caminhando, eu descobri um poço, me fortaleci, semeiei, colhi e experimentei frutos sublimes. Todo esse viver e caminhar só foi e é possível por causa do cuidado e do amor de um Deus soberano e gracioso e de pessoas que foram e/ou são determinantes para o que sou e faço. Aos que estiveram e, principalmente, aos que permanecem comigo em minhas estações, minha eterna e indescritível gratidão:

Ao Deus vivo e trino - Pai, Filho e Espírito Santo - pela minha existência, pelo imensurável favor e amor com que me alcançou e me transforma dia após dia, estação após estação. Agradeço por sua bondade, misericórdia e fidelidade que me seguiram em cada passo dado, me auxiliando a ser forte e corajosa em momentos desafiadores e em períodos de bonança.

Ao meu marido e melhor amigo Jeferson Rafael, por todo cuidado, incentivo, companheirismo e compreensão. Agradeço por seu amor que acolhe genuinamente a pessoa que sou, com minhas potencialidades e fragilidades, e me capacita a ser quem devo ser.

À minha mãe Maria Nascimento e ao meu pai Luciano Vicente, por me possibilitarem a dádiva da vida. Agradeço pela dedicação e amor a mim e por todos os sacrifícios e esforços que fizeram para que eu me desenvolvesse bem, me tornasse uma pessoa íntegra e que pudesse ter uma boa qualidade de vida através dos estudos.

Aos meus irmãos, tesouros em minha vida, Allan e Amanda Gomes, por serem uma grande fonte de amizade, afeto, confiança e apoio. Agradeço por me proporcionarem a certeza de que tenho com quem contar e por me mobilizarem a ser uma pessoa melhor.

À família Gomes Leite: Roseane, Joel, Carollyne e Camylla, por serem minha segunda família e meu segundo lar. Agradeço pelo amor, incentivo e alegria que me deram durante toda a minha existência.

À minha prima de sangue e irmã de coração, Carla Luana, por estar sempre presente em minha vida desde a infância. Agradeço por toda alegria, encorajamento e amor que sempre me ofereceu.

A Deoclécio Vicente (*in memorian*), homem íntegro, avô dedicado e amado, por todo acolhimento e amor que sempre me deu. Agradeço por tantas memórias e afetos sublimes que me concedeu, por ter enxergado o melhor que havia em mim e por cada bela palavra e atitude que trouxe mais cor para a minha vida. Agradeço por, mesmo em um momento trágico e sem ter consciência disso, ter me ensinado a ser uma pessoa sensível a dor, a doença e ao sofrimento do próximo.

À Zeneide Vicente (*in memorian*), por sua pureza, simplicidade e verdade. Agradeço por me fazer sensível e zelosa com o diferente, por despertar em mim o desejo de alcançar e acolher existências que são silenciadas e excluídas, por me fazer ver a beleza e a potência do ser humano apesar das limitações.

À minha amiga de infância, Caroline Dias, por sua amizade genuína e por todo carinho que perdura apesar do passar dos anos. Agradeço por fazer minha infância mais colorida e divertida e por toda contribuição no que eu sou hoje.

À amiga que o ensino fundamental me presenteou, Rávilla Moura, por toda cumplicidade, consideração, suporte, presença e encorajamento. Agradeço por ser fonte de segurança, de alegria e consolo.

À amiga Andresa Fernandes, por seu companheirismo, apoio, escuta, estímulo e cuidado que transcendem o passar do tempo e os espaços que compartilhamos. Agradeço por chorar quando choro e por se alegrar quando me alegro.

Ao amigo Dayvson Araújo, por sua escuta, companheirismo, apoio, cuidado e incentivo ao longo dos anos. Agradeço por me lembrar quem sou, por acreditar que posso sempre evoluir e por me fazer sorrir em momentos improváveis.

À amiga Mayrane Martins, por ser porta voz do Amor em momentos determinantes na minha vida. Agradeço por sua amizade, consideração e pelo acolhimento em sua família.

À Suênia Pereira, por sua amizade, alegria, acolhimento, encorajamento e todos os ensinamentos. Agradeço por me mostrar a importância de ser uma mulher ousada, sábia e simples.

Às mulheres que a universidade me presenteou, também conhecidas como as integrantes do meu grupo de sete: Dayane Santos, Gabriela Lima, Giselle Leal, Luma Oliveira, Rayanne Alves e Rayanne Feitosa, por serem fontes de apoio, parceria e alegria durante todos os anos de curso.

A cada pessoa da minha turma que fez parte do tão especial e transformador 2016.2 e que inaugurou a nova etapa do curso de Psicologia - UFCG no modelo diurno, por me ensinarem com suas histórias de coragem e perseverança.

À Elaine Gusmão, minha professora, orientadora e incentivadora, por sua doçura, delicadeza, sensibilidade e humildade. Agradeço por sua crença e aposta no que há de mais belo no ser humano pois fui alvo desse olhar que transforma e motiva a ir além das limitações. Nosso encontro tem sido frutífero e cheio de sentido. Agradeço por acolher a minha existência para além dos muros da universidade.

Aos meus professores da graduação, em especial: Roniere Morais, Anderson Oliveira, Eduardo Gusmão, Monilly Melo, Flávia Moura, Juliane Dominoni e Aline Lima, por fazerem a diferença na docência com comprometimento, ética, humanidade e bom humor.

A todos os professores que contribuíram com a minha trajetória estudantil e com a pessoa que sou hoje.

À Ísis Leão pela escuta atenta e pelo acolhimento das minhas dores, dos meus dilemas, das minhas alegrias e superações, por me questionar e, conseqüentemente me auxiliar em meu processo de auto(des)conhecimento e autocuidado.

À Janaína Freitas, Thaylane Rogério, Renally Braga, Adrielle Andrade, Célia Lemos e Letícia Costa, filhas do curso de Psicologia - UFCG, com quem compartilhei os corredores e as salas de aula do CCBS, por serem inspiração de pessoas e profissionais para mim e por me possibilitarem oportunidades transformadoras.

A todos que fazem o NUPI e o NEPLAE por serem faróis de sentido e companheiros incomparáveis.

Aos professores da banca por terem aceitado o convite. A vocês, meu respeito e minha admiração.

A todos os funcionários do CCBS por zelarem e dar vida a esse ambiente tão potente.

À todas as crianças que participaram da pesquisa, aos pais e responsáveis que deram a autorização para tanto, e a todos que compartilharam a pesquisa nas mídias sociais, por viabilizarem uma maior compreensão da infância em um período específico da história e por possibilitarem formas de cuidados mais efetivas e humanizadas a partir dos resultados.

A todos que de forma direta ou indiretamente estiveram presentes nessa caminhada.

RESUMO

Em 2020 o Brasil vivenciou uma situação emergencial na saúde pública devido a pandemia da COVID-19. Considerando que esta problemática repercutiu em todas as faixas etárias, realizou-se uma pesquisa visando investigar os efeitos emocionais decorrentes desse cenário na vida de crianças em idade escolar, verificando o modo como esse público conseguiu lidar com os eventos estressores que incidiram sobre seu cotidiano no início da pandemia. Diante disso, o presente estudo buscou elucidar a presença das mídias eletrônicas na vivência da pandemia da COVID-19 pelas crianças e discorrer sobre as possíveis influências no desenvolvimento infantil. A coleta de dados se deu através de um questionário informatizado. Os dados foram organizados no software Microsoft Excel e processados no software Statistical Package for the Social Sciences - SPSS. Na amostra analisada [233 crianças], percebeu-se que as mídias eletrônicas estiveram presentes em momentos importantes, como: no recebimento da notícia da chegada do novo corona vírus ao Brasil; na transição do ensino-aprendizado para a modalidade remota; na manutenção de vínculos com os pares e na expressão de crenças e sentimentos; e no entretenimento. As mídias eletrônicas exerceram influências na construção e propagação da representação acerca da realidade da pandemia, bem como nos modos em que a rotina e as relações se configuravam. No entanto, constatou-se que a exposição intensa às mídias eletrônicas, ampliou a possibilidade do uso inadequado dessas ferramentas, podendo acarretar prejuízos na rotina de sono, nos hábitos alimentares, na psicomotricidade, na cognição e na socialização.

Palavras-chave: pandemia covid-19, criança, meios de comunicação de massa, desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

In 2020, Brazil experienced an emergency situation in the field of public health due to the COVID-19 pandemic. Considering that this problem has repercussions on people of all age groups, a research was carried out in order to investigate the emotional effects arising from this scenario in the lives of school-age children verifying the way in which this public managed to deal with the stressful events that affected their daily lives at the beginning of the pandemic. Therefore, the present study sought to elucidate the presence of electronic media in children's experience of the COVID-19 pandemic and discuss possible influences on child development. Data collection took place through a computerized questionnaire. The data were organized in Microsoft Excel software and processed in the Statistical Package for the Social Sciences – SPSS software. In the analyzed sample [233 children's], it was noticed that electronic media were present at important moments, namely: upon receiving the news of the arrival of the new corona virus in Brazil; in the transition from teaching-learning to the remote modality; in maintaining bonds with peers and in expressing beliefs and feelings; and in entertainment. Electronic media exerted influences in the construction and propagation of a representation about the reality of the pandemic, as well as in the ways in which routine and relationships were configured. However, it was found that the intense exposure to electronic media, increased the possibility of inappropriate use of these tools, which can lead to impairment in sleep routine, eating habits, psychomotricity, cognition and socialization.

Keywords: covid-19 pandemic, child, mass media, child development.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - <i>Frequência de Respostas para a Variável Como Soube da Chegada do Corona Vírus ao Brasil.....</i>	<i>25</i>
Tabela 2 - <i>Frequência de Respostas para a Variável Como Passavam o Tempo.....</i>	<i>26</i>
Tabela 3 - <i>Frequência de Respostas para a Variável O que Fazia para se Divertir.....</i>	<i>27</i>

SUMÁRIO

Introdução.....	14
A Cultura Midiática.....	16
Mídias Eletrônicas e Tecnologias na Infância.....	17
A Pandemia da COVID-19 e suas Repercussões na Infância.....	18
O Uso de Mídias Eletrônicas na Infância Durante a Pandemia da COVID-19.....	21
Método.....	23
Resultados.....	23
Caracterização Sociodemográfica e Clínica dos Participantes.....	24
Chegada do Novo Corona Vírus ao Brasil.....	25
Medidas de Controle de Contágio.....	26
Mudanças na Rotina e nas Relações.....	26
Sentimentos e Rede de Apoio.....	28
Formas de Enfrentamento de Situações Estressoras.....	28
Compreensão da Realidade e Perspectiva para o Futuro.....	28
Discussão.....	28
Considerações Finais.....	32
Referências Bibliográficas.....	33
Anexos.....	39
Anexo A.....	39

Introdução

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto da *Coronavirus Disease 2019* (COVID-19), causada pelo novo coronavírus denominado *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-CoV-2), se constituiu uma emergência de saúde pública de importância internacional, sendo considerada uma pandemia em março do mesmo ano. Tal denominação reconheceu que havia surtos da COVID-19 em vários países e regiões do mundo (Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS], 2020).

O Brasil se deparou com esse fenômeno no início de 2020 e no mesmo ano registrou de modo abrupto milhões de casos de infecção com o novo coronavírus, alta ocupação dos leitos hospitalares e milhares de óbitos. Dessa forma, as autoridades sanitárias passaram a adotar medidas de prevenção e de controle do contágio no território brasileiro, estabelecendo os seguintes critérios: recomendação da etiqueta respiratória; orientação para uso de máscaras; intensificação de normas de higiene; promoção de ações para diminuir a interação e o contato entre as pessoas de uma comunidade; estabelecimento do isolamento de quem está doente de pessoas não infectadas; providência de restrição para quem pode ter sido exposto ao vírus mas não tem sintomas e, em alguns casos, determinação do bloqueio total, em que só é permitido sair de casa para realizar atividades essenciais (Gomes & Gusmão, 2021; Universidade Aberta do SUS [UNASUS], 2020).

Diante das modificações instauradas, o cenário pandêmico se revela como potencialmente danoso para os modos de organização social e para o bem-estar dos indivíduos, em especial, as crianças, uma população considerada vulnerável à essa vicissitude e suas repercussões psicossociais (Aydogdu, 2020; Caffo et al., 2020; Espada et al., 2020; Kumar et al., 2020; Lee, 2020; Linhares & Enumo, 2020; Racine et al., 2020).

Linhares e Enumo (2020) afirmam que a pandemia provoca um contexto altamente estressor, modificando núcleos de sentidos e de afetos que se refletem no sistema familiar e

no desenvolvimento das crianças. Em conformidade a isso, a nota técnica da Aliança para a Proteção da Criança em Ações Humanitárias divulgada pelo Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (United Nations International Children's Emergency Fund [UNICEF], 2020), salientou que as alterações no cotidiano das famílias, nas rotinas diárias, nas amizades e nas comunidades em geral, podem ter desfechos negativos no bem-estar, desenvolvimento e na proteção das crianças (Gomes & Gusmão, 2021).

Sendo assim, com as interferências do distanciamento social, que gerou restrições de deslocamento e convivência, elucidou-se que as crianças poderiam estar suscetíveis a serem afetadas pelo estresse, pela vivência do luto, pelas crises financeiras em suas famílias, pela violência e maus tratos, pela exclusão social, pelo trabalho infantil e outros (Fundação Oswaldo Cruz [FIOCRUZ], 2020; UNICEF, 2020).

Nesses termos, “Dentre as reações emocionais e alterações comportamentais frequentemente apresentadas pelas crianças durante a pandemia, destacam-se: dificuldades de concentração, irritabilidade, medo, inquietação, tédio, sensação de solidão, alterações no padrão de sono e alimentação” (FIOCRUZ, 2020, p.4).

Vale salientar que os desfechos do contexto pandêmico na saúde das crianças são consequências dos recursos e das estratégias de enfrentamento mobilizadas na infância frente ao evento estressor da pandemia da COVID-19, de modo que a criança pode enfrentar a situação de forma adaptativa e resiliente ou de maneira menos adaptativa, necessitando assim, de suporte psicológico (Gomes & Gusmão, 2021).

No entanto, deve-se levar em consideração que as crianças da contemporaneidade estão inseridas em uma sociedade midiática, que busca soluções em um clicar no teclado ou no deslizar dos dedos em um telefone celular. Sendo assim, os modos de apreensão da realidade e as formas de enfrentamento são atravessadas por essa dinâmica tecnológica. Além disso, o intenso e quase ininterrupto acesso às mídias eletrônicas na infância durante a

pandemia, tem sido um fenômeno sem precedentes, o que deve ser analisado de modo mais atencioso.

Considerando o interesse acerca dos efeitos psicossociais decorrentes do cenário de pandemia da COVID-19 sobre crianças em idade escolar - de 6 a 12 anos, realizou-se uma pesquisa a fim de investigar os efeitos emocionais e as queixas psicológicas decorrentes desse cenário e o modo como esse público lidou com os eventos estressores que incidiram sobre seu cotidiano no início da pandemia. Diante disso, o presente estudo buscou, especificamente, elucidar a presença das mídias eletrônicas na vivência da pandemia da COVID-19 pelas crianças e discorrer sobre as possíveis influências no desenvolvimento infantil.

A Cultura Midiática

Devido ao anseio por informação e comunicação, novas tecnologias tem sido geradas e desenvolvidas ao longo das últimas décadas. A rapidez da transmissão de conteúdos cognitivos, emocionais e simbólicos está entre as importantes transformações ocorridas com o processo de mediação da cultura, que acelera e articula novas tecnologias e desafia a vivência social (Guareschi, 2006).

Coutinho e Quartiero (2009) afirmam que comunicar-se na contemporaneidade significa fazer parte de uma cultura de massa que produz mais do que entretenimento, produz significados que geram e/ou reproduzem comportamentos, valores sociais e morais, ou seja, configuram os modos de ver, de ser e de estar na dinâmica social. A comunicação, portanto, constrói social e intersubjetivamente a realidade.

O consumo dos produtos de mídia, especificamente eletrônica, representa hoje o principal espaço de ocupação do tempo livre da população (Guareschi, 2006) e atende a busca pelo novo independente dos temas, formatos e abordagens veiculadas. As relações sociais passam a ser mediadas e as pessoas, cada vez mais, se realizam sendo audiência. Paralelo a isso, a mediação de instituições formadoras tradicionais como a família, a escola e

os grupos de pertença, são em certo grau substituídas pelas “tecnomediações” (Coutinho & Quartiero, 2009). Assim sendo, “A realidade de hoje exige cada vez mais que os sujeitos saibam lidar com uma imensa gama de informações que invadem diariamente sua vida cotidiana, de forma desconhecida para as gerações precedentes” (Guareschi, 2006, pp. 29-30).

Diante disso, lidar com o impacto desse fenômeno e dar-lhe um significado, integrando-o em sua visão de mundo é uma tarefa inevitável para os sujeitos modernos que lidam com uma linguagem nova, isto é, a linguagem digital.

Mídias Eletrônicas e Tecnologias na Infância

A mídia eletrônica é o conjunto de meios de comunicação que utiliza recursos eletrônicos ou eletromecânicos para que o público acesse os conteúdos em seus diversos formatos, a saber: de vídeo ou áudio, gravados ou transmitidos em tempo real. Entende-se como uso de mídia eletrônica o uso da televisão, do computador, tablet, celular e outros.

De acordo com Santos (2020), com o advento de novas tecnologias, as mídias eletrônicas utilizadas para a comunicação, entretenimento e educação passaram a fazer parte da rotina das famílias ao redor do mundo, com isso, a infância passou a ser atravessada pelas influências eletrônicas e digitais. Conforme o Manual de Orientação: Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital, elaborado pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), crianças e adolescentes fazem parte da geração digital e usam as mídias eletrônicas cada vez mais em idades precoces (SBP, 2016).

Parte considerável da aproximação das crianças com as tecnologias é influenciada pelo contexto e pelas relações que vivenciam. Os comportamentos dos pais, responsáveis ou cuidadores frente aos meios eletrônicos, geralmente são preditores do desenvolvimento infantil, tendo em vista que são os agentes que oportunizam ou não o acesso às mídias eletrônicas para as crianças e os adolescentes. Além disso, os pais ou cuidadores são

responsáveis pela orientação da utilização moderada dos aparelhos eletrônicos, bem como pela elaboração de regras e pelo acompanhamento do uso (Maidel & Vieira, 2015).

As mídias eletrônicas desenvolveram um papel funcional e afetivo, por viabilizar o ensino-aprendizado, a comunicação com os pares e familiares, o cuidado em saúde, o lazer, a criação, manutenção e fortalecimento de vínculos, bem como a expressão das dores e alegrias das crianças. No entanto, deve-se considerar que o uso da tecnologia influencia comportamentos e hábitos, podendo ser acompanhado de benefícios e malefícios a saúde da criança a depender das formas e do tempo de uso.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019), o uso precoce e de longa duração das mídias eletrônicas pode facilitar comportamentos danosos bem como causar ou potencializar dificuldades e vulnerabilidades no desenvolvimento, a saber: dificuldade escolar e de socialização, dependência digital e uso problemático das mídias interativas, problemas de saúde mental, transtornos do déficit de atenção e hiperatividade, transtornos do sono e da alimentação, sedentarismo, *bullying* e *cyberbullying*, transtornos da imagem corporal e da autoestima, riscos da sexualidade, nudez, abuso, comportamentos autolesivos, indução e riscos de suicídio, violência, problemas visuais, posturais, auditivos e acesso à compra e uso de drogas. No entanto, os problemas e desafios da relação entre as crianças e as mídias se evidenciaram ainda mais na crise social e sanitária da pandemia da COVID-19 (Girardello, Hoffmann et al., 2021).

A Pandemia da COVID-19 e Suas Repercussões na Infância

O conhecimento em relação à pandemia do novo corona vírus e seus efeitos psicossociais na infância ainda é incipiente e está avançando concomitantemente com o curso natural da doença (COVID-19). Sendo assim, algumas repercussões só poderão ser observadas posteriormente. No entanto, prevê-se danos secundários a curto, médio e longo prazo (Aydogdu, 2020; Ghosh et al., 2020; Wade et al., 2020).

As medidas de prevenção e controle do contágio da COVID-19 foram e são necessárias, entretanto, avalia-se que tais deliberações estão causando uma espécie de “pandemia secundária” (Gomes & Gusmão, 2021). O confinamento instituiu, imediato e prolongado, impacto psicossocial devido às drásticas mudanças no estilo de vida (Ghosh et al., 2020; Lee, 2020; Prime et al., 2020), o que reflete nas relações, nos processos psicológicos, nas atividades físicas, na orientação para o futuro e, portanto, no desenvolvimento das crianças, estas, considerada população vulnerável às repercussões dessa vicissitude (Aydogdu, 2020; Caffo et al., 2020; Espada et al., 2020; Kumar et al., 2020; Lee, 2020; Linhares & Enumo, 2020; Racine et al., 2020).

As crianças foram expostas à muitas informações sobre a pandemia nas mídias eletrônicas e precisaram lidar com os efeitos dessas notícias bem como conviver com o estresse que a situação de confinamento propiciou (Paricio Del Castillo & Pando Velasco, 2020). Ademais, tendo em vista a necessidade do prolongamento das medidas de controle de contágio, as crianças também tiveram de enfrentar diversas mudanças em suas rotinas e relações, a saber: o fechamento das escolas, a privação da aprendizagem formal e a promoção de novas modalidades de ensino-aprendizagem, a interrupção da socialização com os pares, bem como o maior uso das tecnologias digitais para fins educacionais, manutenção de vínculos e expressão de crenças e sentimentos.

As condições que acompanham uma pandemia podem ser fontes de estresse para crianças (Aydogdu, 2020; Espada et al., 2020; Ghosh et al., 2020; Lee, 2020; Linhares & Enumo, 2020; Tang & Azmi, 2020). Tal estado pode causar agitação, irritabilidade, mau humor, desconforto físico e exaustão, além de afetar os relacionamentos devido aos comportamentos agressivos e nocivos (Aydogdu, 2020; Kumar et al., 2020; Linhares & Enumo, 2020).

Em um contexto pandêmico, as crianças podem ter seus medos potencializados, apresentar hipervigilância, percepção de ameaça e preocupação constante, podendo fazer com que manifestem sintomas ansiosos e compulsivos (Espada et al., 2020). Sendo assim, a inquietude e a ansiedade vêm tomando grandes proporções nesse cenário (Aydogdu, 2020; Espada et al., 2020; Ghosh et al., 2020; Kumar et al., 2020; Lee, 2020; Linhares & Enumo, 2020; Tang & Azmi, 2020).

Além disso, os sentimentos de desamparo, solidão e frustração, bem como sinais de desânimo, tristeza e depressão infantil podem emergir (Aydogdu, 2020; Ghosh et al., 2020; Linhares & Enumo, 2020; Tang & Azmi, 2020). A referida situação se agrava quando se trata de crianças órfãs e/ou com parentes perdidos ou adoecidos devido à pandemia que passam por um processo de luto peculiar e, por vezes, são silenciadas (Aydogdu, 2020; Danese & Smith, 2020; Duan et al., 2020).

É possível salientar problemas de regulação do sono e da alimentação (Aydogdu, 2020; Espada et al., 2020; Kumar et al., 2020; Linhares & Enumo, 2020) que são somados à limitação de atividades psicomotoras que repercutem no sedentarismo (Florêncio Júnior et al., 2020; Paricio Del Castillo & Pando Velasco, 2020), questão que em médio prazo pode gerar agravos à saúde e/ou efeitos negativos no desenvolvimento cognitivo e psicomotor das crianças, em especial as de faixa etária inferior as que estão em idade escolar.

Algumas famílias são mais afetadas que outras, tendo em vista a possibilidade de possuírem vulnerabilidades anteriores que foram potencializadas pela pandemia ou experienciaram fragilidades que emergiram em decorrência da realidade pandêmica. Juntamente com suas famílias, as crianças estão sendo expostas aos mecanismos de riscos concomitantes de forma mais intensa, uma vez que podem ser mais suscetíveis às dificuldades relacionadas à saúde mental (Duan et al., 2020; Tang & Azmi, 2020; Wade et al., 2020).

Em uma situação como a pandemia da COVID-19, que se revela como uma experiência de ameaça e risco, o impacto causado nas crianças dependerá em grande parte dos mecanismos de risco e de proteção que estão circunscritos na vida das mesmas. Em consequência disso serão mobilizadas formas de enfrentamento ao estresse que serão adaptativas e/ou desadaptativas. No entanto, deve-se levar em consideração que as crianças da contemporaneidade vivem em uma sociedade midiática que busca soluções em um clicar no teclado ou no deslizar dos dedos em um telefone celular. Sendo assim, os modos de apreensão da realidade e as formas de enfrentamento são atravessadas por essa dinâmica tecnológica. Além disso, o intenso e quase ininterrupto acesso as mídias eletrônicas na infância, durante a pandemia, tem sido um fenômeno sem precedentes devendo ser analisado com mais atenção.

O Uso das Mídias Eletrônicas na Infância Durante a Pandemia da COVID-19

O mundo digital se dividiu em: antes, durante e depois da pandemia da COVID-19 (SBP, 2020). Diante desse evento, a inserção no mundo digital e o uso das mídias eletrônicas se deu de modo constante, intenso e quase ininterrupto, oferecendo alternativas tecnológicas para a maioria das crianças lidar com a realidade pandêmica, bem como buscar soluções para as limitações impostas neste período.

De modo abrupto as crianças passaram a visualizar uma nova dinâmica familiar na qual seus pais, responsáveis ou cuidadores passaram mais tempo em casa, trabalhando de forma remota e utilizando as mídias eletrônicas para os mais diversos fins. A forma de cuidar da saúde, de comprar, de trabalhar, de aprender, de ensinar, de se relacionar, de sofrer e de se divertir foram modificadas e vivenciadas pela mediação das telas, o que reverbera na forma como a criança experiencia a pandemia e nos impactos psicossociais que a mesma gera na infância.

As tecnologias tiveram um papel funcional, pois permitiram a continuidade remota e adaptada de atividades que foram paralisadas devido à crise sanitária mas que são fundamentais para o desenvolvimento humano e social. Sendo assim, as mídias eletrônicas foram capazes de, em certo grau, possibilitar o “reestabelecimento” de uma dinâmica aproximada da que era vivenciada antes da pandemia. Além disso, viabilizou o fortalecimento dos vínculos afetivos e assegurou a presença, mesmo que virtual, dos familiares, amigos e pessoas que fazem parte da rede de apoio e proteção da criança.

Ademais, considerando a limitação nas interações e nas atividades antes realizadas, o uso intensivo das mídias eletrônicas por crianças, em um contexto pandêmico, também se revelou como uma forma de ocupar o tempo (Deslandes & Coutinho, 2020) e evitar o tédio. Tal movimento pode ser benéfico e reduzir a sensação de solidão, ansiedade e tristeza, no entanto, a depender do tempo de uso e do conteúdo consumido, pode se revelar como um mecanismo de risco.

De acordo com a pesquisa realizada por Tocantins e Wiggers (2021), que analisou as apropriações de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), com foco em mídias e tecnologias digitais, o uso excessivo das telas e a não percepção da passagem do tempo foram problemáticas relatadas pelas crianças e adolescentes. As mídias, portanto, podem ocupar um lugar disfuncional de preencher - a curto prazo - os vácuos temporais ou existenciais (SBP, 2019).

Sendo assim, faz-se necessário investigar como as crianças no contexto brasileiro encararam o início da pandemia, quais tipos de relações foram estabelecidas com as mídias eletrônicas e quais as influências delas na vivência e no desenvolvimento das crianças nesse período estressor.

Método

Na intenção de alcançar os objetivos desse trabalho, a delimitação metodológica ocorreu, anteriormente, por meio de pesquisa de iniciação científica, a partir da elaboração de itens que faria parte do questionário a ser utilizado durante a coleta de dados em uma plataforma de pesquisas *on-line* e *off-line*: *Question Pro*.

Ressalta-se que o questionário *on-line* possui 12 itens sociodemográficos direcionados para pais e/ou responsáveis e 22 itens direcionados para as crianças, totalizando 34 itens, sendo 19 itens com opções de respostas ilustradas (anexo a). O questionário passou por uma avaliação dos itens e ilustrações a fim de verificar as evidências de validade do conteúdo. Para tanto, foram convidados 8 peritos/profissionais das seguintes áreas: Metodologia da Pesquisa Científica, Desenvolvimento Infante-Juvenil, Psicologia Social, Psicologia Clínica, Neuropsicologia, Psicopedagogia Clínica, Avaliação Psicológica e Construção e Informatização de Instrumentos de Medida. No referido questionário os juízes puderam através da escala Likert avaliar os itens e ilustrações como: 1 - Muito apropriado; 2- Pouco apropriado; e 3- Nada apropriado. Além disso, puderam registrar suas críticas, sugestões e elogios.

Diante disso, verificou-se o nível de concordância dos juízes em relação à adequação de cada item, por meio do Índice de Validade de Conteúdo (IVC) (Gomes & Gusmão, 2021). Quanto maior o valor do IVC, menor o número de alterações necessárias para aprimorar cada questão avaliada. Foi considerado um IVC maior ou igual a 80% como indicativo de adequação do item com respeito à clareza e à pertinência do conteúdo (Souza et al., 2017). No cálculo do IVC empregou-se a seguinte fórmula:

$$\text{IVC} = \frac{\text{Número de respostas}}{\text{Número total de respostas}}$$

Por conseguinte, os dados foram coletados por meio da plataforma de pesquisas *on-line* e *offline* - *Question Pro*. Em sequência, foram organizados no *software Microsoft Excel* e processados com o auxílio do *software Statistical Package for the Social Sciences* - SPSS, desenvolvido por Norman Nie, C. Hadlai Hull e Dale H. Bent. A análise dos dados foi executada de acordo com sua natureza e com base em procedimentos quantitativos (Gomes & Gusmão, 2021).

Resultados

Com base no Relatório de Tendência gerado pela plataforma *on-line* de pesquisa, o cálculo do Índice de Validade de Conteúdo (IVC) foi realizado. O instrumento apresentou 89% de evidência de validade do conteúdo. Diante disso, os itens do questionário foram validados, tendo em vista que apresentaram o IVC acima de 80%. Nenhum item do questionário foi removido, no entanto, foram acatadas as sugestões dos avaliadores no tocante ao acréscimo de alternativas e ilustrações em determinadas questões.

Com respeito as análises dos dados da pesquisa *on-line*, serão apresentados os resultados gerais, porém dar-se-á ênfase a primeira fase da Pandemia da COVID-19, focando na relação das crianças com as mídias eletrônicas, uma vez que houve maior adesão ao distanciamento social.

Caracterização Sociodemográfica e Clínica dos Participantes da Pesquisa

Analisando o perfil sociodemográfico das 233 crianças que participaram da pesquisa, encontrou-se que a amostra pesquisada é composta por 50,2% de meninos. Em relação à idade, a média foi de 8,55 anos ($dp = 2,07$, $min = 6$, $max = 12$). Do total da amostra, 53,2% dos participantes possuem cor de pele branca e 49,4% são católicos (Gomes & Gusmão, 2021).

Mais da metade dos participantes residem no estado da Paraíba (55,6%), sendo 47% acompanhados de seus pais e irmãos. Sobre as questões socioeconômicas, 34,1% dos

participantes possuem renda familiar de 1 a 3 salários mínimos. Em relação a escolaridade e modalidade de ensino, 63,2% dos participantes estão matriculados em escolas particulares, 21,4% cursam o 1º ano do ensino fundamental, e 55,7% estudam no turno da manhã.

No que se refere a frequência com que a criança realiza acompanhamento psicológico, 77,2% nunca realizaram. Do total da amostra, 86% das crianças não possuíam nenhum diagnóstico, e 14% delas indicaram um dos seguintes diagnósticos: Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Ansiedade.

Chegada do Novo Corona Vírus ao Brasil

Para 38,9% dos participantes da pesquisa a informação sobre a chegada do novo corona vírus ao Brasil foi recebida através da televisão, seguido de 37,5% que souberam por meio da família (Gomes & Gusmão, 2021).

Tabela 1

Frequência de Respostas para a Variável Como Soube da Chegada do Corona Vírus ao Brasil

Como soube do	f	%
corona vírus		
Família	80	37,5
TV	83	38,9
Internet	15	7,04
Professora	27	12,6
Amigos	8	3,76
Total	213	100,0

Nota. Dados obtidos do Relatório PIBIC da pesquisa Repercussões Psicoemocionais e indicadores de resiliência em crianças no contexto de pandemia da COVID-19 (Gomes & Gusmão, 2021).

Medidas de Controle do Contágio

Em relação as medidas de prevenção e controle do contágio do novo corona vírus, a maioria das crianças (59,9%) elucidaram que quase nunca saíram de casa no início da pandemia, na chamada primeira onda de contaminação, onde houve maior recomendação e apelo das autoridades sanitárias e científicas para a etiqueta respiratória, o uso de máscaras, a intensificação de normas de higiene, o distanciamento e o isolamento social, bem como o bloqueio total (*lockdown*) (Gomes & Gusmão, 2021).

De forma predominante, as crianças cumpriram o distanciamento social no início da pandemia, o que gerou repercussões em suas relações e rotinas. Diante disso, 48% dos dados válidos indicaram que as crianças se sentiram tristes quando souberam que precisariam ficar em casa, bem como se sentiram tristes com a necessidade de manter o distanciamento social (51%) (Gomes & Gusmão, 2021).

Mudanças na Rotina e nas Relações

Ao serem questionadas sobre as mudanças que ocorreram em suas vidas, 33,2% das crianças afirmaram que o que mais chateou foi o fato de não ter aulas na escola e 27,6% foi não ver os amigos. De acordo com os dados válidos, no início da pandemia 49,4% das crianças quase nunca mantiveram contato com os amigos e 42,9% dos participantes responderam que quando houve contato, o mesmo se deu por meio de ligação de voz ou de vídeo através do celular (Gomes & Gusmão, 2021).

Em relação a forma que as crianças mais costumavam passar o tempo no início da pandemia, 40,1% das respostas apontaram para o uso do celular e 30,8% para o uso da televisão (Gomes & Gusmão, 2021).

Tabela 2

Frequência de Respostas para a Variável Como Passavam o Tempo

Passava o tempo	F	%
------------------------	----------	----------

Usando o celular	69	40,1
Assistindo TV	53	30,8
Jogando Vídeo Game	17	9,9
Brincando	27	15,7
Outras atividades	6	3,5
Total	172	100,0

Nota. Dados obtidos do Relatório PIBIC da pesquisa Repercussões Psicoemocionais e indicadores de resiliência em crianças no contexto de pandemia da COVID-19 (Gomes & Gusmão, 2021).

Frente ao questionamento sobre o que mais costumavam fazer para se divertir, 39,4% das crianças responderam que optavam pelos jogos *on-line*. Outro dado a ser observado é que apenas 2,4%, a menor porcentagem válida dos participantes, afirmaram realizar leitura de livros (Gomes & Gusmão, 2021).

Tabela 3

Frequência de Respostas para a Variável O que Fazia para se Divertir

O que fazia para se divertir	f	%
Atividades físicas	10	6,1
Desenhos, pinturas e/ou colagens	28	17,0
Redes sociais	24	14,5
Jogos on-line	65	39,4
Leitura de livros	4	2,4
Brincadeiras	26	15,8
Nenhuma das respostas	8	4,8
Total	165	100,0

Nota. Dados obtidos do Relatório PIBIC da pesquisa Repercussões Psicoemocionais e indicadores de resiliência em crianças no contexto de pandemia da COVID-19 (Gomes & Gusmão, 2021).

Sentimentos e Rede de Apoio

No tocante ao que as crianças sentiam de modo geral durante esta pandemia, 24% responderam que se sentiam tranquilos e 21,6% afirmaram se sentir desanimados. Em relação a rede de apoio, 89% das crianças elucidaram que procuravam primeiro a família quando precisam de ajuda (Gomes & Gusmão, 2021).

Formas de Enfrentamento de Situações Estressoras

Ao questionar sobre as formas de enfrentamento, 61,8% das crianças afirmaram que no início da pandemia preferiram se proteger da situação. Vale salientar que 19% das crianças, menor porcentagem válida, afirmaram que preferiram conversar sobre a situação. Foi questionado também como a criança se comportava em situações de irritabilidade, neste caso, 33,5% afirmou que chorava e 26,8% tentava se acalmar. Quanto ao comportamento que as crianças adotavam quando surgia um problema, 29,3% responderam que pediam ajuda para resolver o problema e 26,8% das crianças preferiram não fazer nada (Gomes & Gusmão, 2021).

Compreensão da Realidade e Perspectiva para o Futuro

Ao serem questionados sobre o que pensam sobre a pandemia, 83,9% afirmaram que se tratava de um momento ruim. Em relação ao que pensava sobre o futuro, 62,7% das crianças responderam que seria bom (Gomes & Gusmão, 2021), o que aponta para um certo otimismo e ressignificação apesar das circunstâncias negativas.

Discussão

O lugar que as mídias eletrônicas têm ocupado no dia a dia das crianças, pode ser percebido pela forma que elas receberam a notícia da chegada do novo coronavírus no Brasil.

Apesar da pouca diferença entre as categorias televisão e família, nota-se que a televisão foi, predominantemente, a responsável por noticiar este fenômeno para as crianças. Sendo assim, exerceu influências na construção e propagação de uma representação acerca da realidade da pandemia da COVID-19. Este dado corrobora com o que Paricio del Castillo e Pando Velasco (2020) destacaram em seus estudos: as crianças foram expostas à um grande volume de informações sobre a pandemia na mídia, nas redes sociais, assim como conviveram com o estresse e as repercussões que tais notícias e a situação de confinamento provocaram na época.

Entre as diversas mudanças que ocorreram na rotina das crianças com a chegada da COVID-19 ao Brasil, o maior incômodo assinalado pelas crianças foi não ter aulas na escola. Considerando que a escola é um microssistema fundamental ao desenvolvimento e aprendizagem, com o fechamento, as crianças foram privadas da aprendizagem formal e da socialização promovida em tal ambiente (Aydogdu, 2020; Caffo et al., 2020; Linhares & Enumo, 2020; Paricio Del Castillo & Pando Velasco, 2020).

Diante dessa problemática, as tecnologias digitais e mídias eletrônicas foram ferramentas utilizadas como forma de propiciar a continuidade da aprendizagem formal. Entretanto, crianças que possuem pouco ou nenhum acesso à internet em consequência das desigualdades sociais, e que detêm necessidades educacionais específicas, podem ter sido prejudicadas nessa nova modalidade de ensino-aprendizagem (Caffo et al., 2020; Ghosh et al., 2020; Paricio Del Castillo & Pando Velasco, 2020).

Vale salientar que não só as escolas e os educadores tiveram que propor soluções pedagógicas precárias e de última hora, como também, de modo geral, as famílias não tinham referências para uma mediação adulta adequada ao uso das telas (Girardello, Fantin et al., 2021). Além disso, essa modalidade pode não ser suficiente no que diz respeito às

necessidades das crianças de regulação emocional, desenvolvimento de habilidades sociais e internalização de regras (Paricio Del Castillo & Pando Velasco, 2020).

O fato de não ver os amigos também foi alvo de grande incômodo para os participantes da pesquisa. O fechamento das escolas atrelado ao distanciamento social interrompeu as relações entre os pares em uma fase da infância em que a criança busca e necessita da interação com os colegas para potencializar seu desenvolvimento psicossocial (Paricio Del Castillo & Pando Velasco, 2020). Na terceira infância, as crianças, geralmente, tornam-se mais inclinadas ao comportamento pró-social (Papalia & Feldman, 2013). Sendo assim, o senso de afiliação, em certo grau, deixou de fazer parte da rotina das crianças diante do contexto pandêmico, o que impactou a relação entre pares (Gomes & Gusmão, 2021).

Apesar de quase nunca ter contato com os amigos, quando ocorria, era através do celular. Deste modo, percebe-se que para além das questões educacionais, as tecnologias e as mídias eletrônicas também oportunizaram a manutenção de vínculos e a expressão das crenças e dos sentimentos por parte das crianças (Caffo et al., 2020).

No tocante ao que as crianças costumavam fazer para passar o tempo, o uso do celular e da televisão foi colocado como prioridade em detrimento de outras atividades e brincadeiras. Durante a pandemia, várias crianças se sentiram entediadas, frustradas e sozinhas (Caffo et al., 2020; Kumar et al., 2020; Paricio Del Castillo & Pando Velasco, 2020). Diante disso, as telas ganharam ainda mais espaço no dia a dia e ofereceram inúmeras opções para o entretenimento. No entanto, constata-se o problema do excesso de exposição às telas e o aumento de dependência de aparelhos eletrônicos (Aydogdu, 2020; Caffo et al., 2020; Linhares & Enumo, 2020; Tang e Azmi, 2020; Zhang et al., 2020) o que amplia a possibilidade do uso inadequado dessas ferramentas (Paricio Del Castillo & Pando Velasco, 2020).

Tal dado corrobora com o fato da maioria das crianças terem respondido que optavam por jogos *on-line* para se divertir em vez de tarefas, como: pinturas, desenhos, colagens, atividades físicas, brincadeiras e leituras. As implicações dos jogos *on-line* sobre o desenvolvimento emocional das crianças, tem sido alvo de muito debate e estudos científicos pois os mesmos podem ter efeitos positivos e negativos a depender do conteúdo, do tempo de uso e da forma que impacta as relações face a face na infância.

De acordo com a SBP (2020), os jogos emergiram como uma novidade tecnológica e o que era uma distração foi se tornando um modo de entretenimento cada vez mais ativo, pois alguns jogos não são programados para terminar, ou seja, possuem níveis de complexidade progressivos. Assim, as crianças e adolescentes aprendem a jogar continuamente, a qualquer hora, o que pode ser um fator de risco que influencia em questões básicas para o desenvolvimento como a rotina de sono, os hábitos alimentares, a realização de exercícios físicos e a socialização face a face. Apesar disso, o universo criativo dos jogos eletrônicos, os confrontos e desafios se tornam estratégias para provocar os movimentos de respostas dos jogadores e treinar suas reações ao estresse das circunstâncias (SBP, 2020).

No tocante a leitura, conforme aponta Pereira et al. (2013), o nível de leitura no Brasil ainda é frustrante e hoje a tecnologia em excesso influi no distanciamento das crianças do mundo da leitura. O hábito da leitura é fundamental não só para ampliar o conhecimento, mas, inclusive, para o estímulo da criatividade e a formação da cidadania. Guareschi (2006) problematiza que a criança que lê cria e imagina os personagens do texto, já a criança que vê TV, recebe todos os personagens prontos: determinada imagem, tal tamanho, cor, som, movimento, etc., ela não precisa se preocupar com nada, apenas em “ver”. Sendo assim, é preciso saber equilibrar as duas atividades para que as experiências digitais não enfraqueçam atividades essenciais para a infância.

Ademais, Espada et al. (2020) salientam que lidar com a pandemia da COVID-19 está testando a adaptabilidade individual e coletiva e a Psicologia desempenha um papel relevante na crise provocada pela COVID-19, pois a abordagem preventiva pode propiciar pelo menos três benefícios importantes neste contexto, a saber: a detecção precoce de casos de risco, a atenuação dos efeitos que podem surgir com o tempo para as crianças em decorrência de um contexto estressante e a redução de sintomas leves antes de seu agravamento.

Considerações Finais

Existem grandes lacunas na literatura sobre as consequências da pandemia da COVID-19 para a saúde mental das crianças bem como sobre os impactos que o uso intenso e quase ininterrupto das mídias eletrônicas pode acarretar no desenvolvimento dessa população.

Apesar disso, acredita-se que este estudo atingiu os objetivos propostos, desvelando os modos com que as crianças brasileiras - sobretudo, paraibanas - receberam a notícia da chegada do novo corona vírus ao Brasil, como se sentiram e lidaram com as medidas de prevenção e controle de contágio e com as mudanças em suas rotinas e relações, em especial, com as mídias eletrônicas. Além disso, foi viabilizada a identificação das redes de apoio, das percepções e das perspectivas das crianças em relação ao contexto pandêmico e ao futuro.

Diante disso, considera-se que foi possível colaborar com o conhecimento existente na área, apontar novos rumos que permitem o aprofundamento de discussões por meio de outras pesquisas. O uso das mídias eletrônicas pela população brasileira é diferente de outros países não só pela tecnologia, mas também pela abrangência quase que continental e pelas diferenças sociais.

Sendo assim, é preciso observar as repercussões da relação das crianças com as mídias eletrônicas durante o período pandêmico, bem como suas consequências para o desenvolvimento infantil, de modo que seja possível formular diretrizes que atendam às

necessidades de saúde mental de crianças e familiares e, de igual modo, elaborar medidas para mitigar os potenciais efeitos negativos e sequelas.

Para tanto, os estudos longitudinais e de desenvolvimento, podem ter importantes contribuições tendo em vista que as frequentes mudanças tecnológicas e suas implicações na cultura e na vida das crianças demandam novos olhares e investigações, o que deve manter em alerta os pesquisadores desse campo.

Todos – pais, cuidadores, familiares, escolas, sociedade ampliada – são responsáveis e coparticipes de uma atitude que contribua com a melhor utilização das mídias eletrônicas, tendo em vista um conteúdo de qualidade e um tempo de tela reduzido de modo que não comprometa o desenvolvimento de habilidades imprescindíveis na infância.

Considerando as limitações desta pesquisa, percebeu-se a pouca adesão dos pais e/ou responsáveis das crianças no período de sua divulgação nas redes sociais. Além disso, subentende-se que as pessoas que participaram da pesquisa tinham, de certo modo, acesso facilitado a *internet*, com isso, as crianças com pouco acesso à *internet*, provavelmente, não foram alcançadas, também, não foi possível proporcionar um ambiente propício e sem interferências externas no momento que a criança estava respondendo ao questionário informatizado. No entanto, dado o cenário pandêmico, a pesquisa só tinha viabilidade por meio da modalidade remota.

Referências Bibliográficas

Ariès, P. (1981) *História Social da Criança e da Família* (2 ed.). LTC.

Aydogdu, A. L. F. (2020). Saúde mental das crianças durante a pandemia causada pelo novo coronavírus: revisão integrativa. *J Health NPEPS*, 5(2), e4891.

<https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/4891>.

- Caffo, E., Scandroglio, F. & Asta, L. (2020). Debate: COVID-19 and psychological well-being of children and adolescents in Italy. *Child and adolescent mental health*, 25(3), 167-168. Doi: 10.1111/camh.12405.
- Coutinho, L. M., & Quartiero, E. M. (2009). Cultura, mídias e identidades na Pós-modernidade. *Perspectiva*, 27(1), 47-68. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/2175-795X.2009v27n1p47/12290/41224>.
- Danese, A., & Smith, P. (2020). Debate: Recognising and responding to the mental health needs of young people in the era of COVID-19. *Child and adolescent mental health*, 25(3), 169-170. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7461529/>.
- Deslandes, S. F., & Coutinho, T. (2020). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*, 25(suppl 1), 2479-2486. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>.
- Duan, L., Shao, X., Wang, Y., Huang, Y., Miao, J., Yang, X., & Zhu, G. (2020). An investigation of mental health status of children and adolescents in china during the outbreak of COVID-19. *Journal of affective disorders*, 275, 112-118. Doi: 10.1016/j.jad.2020.06.029.
- Espada, J. P., Orgilés, M., Piqueras, J. A., & Morales, A. (2020). Las buenas prácticas en la atención psicológica infanto-juvenil ante el COVID-19. *Clínica y salud*, 31(2), 109-113. <https://dx.doi.org/10.5093/clysa2020a14>.
- Florêncio Júnior, P. G., Paiano, R., & Costa, A. dos S. (2020). Isolamento social: consequências físicas e mentais da inatividade física em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 25, 1-2. DOI:<https://doi.org/10.12820/rbafs.25e0115>.

Fundação Oswaldo Cruz (2020). *Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia da COVID-19 – Crianças na Pandemia COVID-19*. Fiocruz Brasília.

https://www.fiocruzbrasil.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%cc%a7as_pandemia.pdf.

Girardello, G., Hoffmann, A., & Sampaio, I. V. (2021). Crianças e mídias: (des)conexões e desafios em um contexto de urgências [online]. *SciELO em Perspectiva: Humanas*.

<https://humanas.blog.scielo.org/blog/2021/03/02/criancas-e-midias-desconexoes-e-desafios-em-um-contexto-de-urgencias/>.

Girardello, G., Fantin, M., & Pereira, R. (2021). Crianças e mídias: três polêmicas e desafios contemporâneos. *Cadernos CEDES [online]*, 41(113), 33-43.

<https://doi.org/10.1590/CC231532>.

Gomes, A. K. N., & Gusmão, E. C. R. (2021). Repercussões psicoemocionais e indicadores de resiliência em crianças no contexto de pandemia da COVID-19. *XVIII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande*. [Apresentação de Trabalho]. Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.

Ghosh, R., Dubey, M. J., Chatterjee, S., & Dubey, S. (2020). Impact of COVID-19 on children: special focus on the psychosocial aspect. *Minerva pediatrica*, 72(3), 226-

235. DOI: [10.23736/S0026-4946.20.05887-9](https://doi.org/10.23736/S0026-4946.20.05887-9)

Guareschi, P. A. (2006). Mídia e cidadania. *Conexão-Comunicação e Cultura (UCS)*, 5(9),

27-40. <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/202/193>.

Jolly, T.S., Batchelder, E., & Baweja, R. (2020). Mental Health Crisis Secondary to COVID-

19-Related Stress: A Case Series From a Child and Adolescent Inpatient Unit. *The primary care companion for CNS disorders*, 22(5), 26171. Doi:

10.4088/PCC.20102763.

Kumar, A., Nayar, K. R., & Bhat, L. D. (2020). Debate: COVID-19 and children in India.

Child and adolescent mental health, 25(3), 165-166. Doi: 10.1111/camh.12398.

Lee, J. (2020). Mental health effects of school closures during COVID-19. *The Lancet Child*

& Adolescent Health, 4(6), 421. Doi: 10.1016/S2352-4642(20)30109-7.

Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre

efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estud. psicol.*

(Campinas), 37(e200089). <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>.

Maidel, S., & Vieira, M. L. (2015). Mediação parental do uso da internet pelas crianças.

Psicologia em Revista, 21(2), 293-313. [http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-](http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N2P292)

9523.2015V21N2P292.

Organização Pan-Americana da Saúde. (2020). Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus).

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:COVID-19-&Itemid=875.

Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano* (12 ed.). AMGH.

Paricio Del Castillo, R., & Pando Velasco, M. F. (2020). Salud mental infanto-juvenil y

pandemia de Covid-19 en España: cuestiones y retos. *Revista de Psiquiatría Infanto-*

Juvenil, 37(2), 30-44. <https://doi.org/10.31766/revpsij.v37n2a4>.

Pereira, E. J., Frazão, G. C., & Santos, L. C. D. (2013). Leitura infantil: o valor da leitura

para a formação de futuros leitores. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*,

3(2). <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/64505>.

Racine, N., Cooke, J. E., Eirich, R., Korczak, D., McArthur, B., & Madigan, Sheri.

(2020). Child and adolescent mental illness during COVID-19: A rapid review.

Psychiatry research, 292, 113307. DOI: [10.1016/j.psychres.2020.113307](https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113307).

- Santos, R. (2020). *Associação entre o tempo de uso de mídias eletrônicas e problemas internalizantes em crianças de 7 a 11 anos durante a pandemia da COVID-19*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie].
<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/4610>.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2016). *Saúde de crianças e adolescentes na era digital*. Departamento de Adolescência. <https://www.sbp.com.br/sbp-em-acao/saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital>.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). # *Menos Tela #Mais Saúde*. Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021).
https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2020). *Manual de Orientação: Dependência virtual—um problema crescente# MENOS VÍDEOS# MAIS SAÚDE*. Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021). <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/dependencia-virtual-um-problema-crescente-menos-videos-mais-saude/>.
- Souza, A. C. D., Alexandre, N. M. C., & Guirardello, E. D. B. (2017). Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiol. Serv. Saúde. Brasília*, 26(3), 649-659. Doi: 10.5123/S1679-49742017000300022.
- Tang, S. P., & Azmi, A. (2020). Let us not forget the children of front liners in COVID-19. *The Medical Journal of Malaysia*, 75(5), 587. <http://www.e-mjm.org/2020/v75n5/children-and-COVID-19.pdf>.
- Tocantins, G. M. O., & Wiggers, I. D. (2021). Infância e mídias digitais: histórias de crianças e adolescentes sobre seus cotidianos. *Cadernos CEDES [online]*, 41(113), 76-83.
<https://doi.org/10.1590/CC231445>.

United Nations International Children's Emergency Fund. (2020). *Nota Técnica: Proteção da Criança durante a Pandemia do Coronavírus*. Aliança para a Proteção da Criança em Ações Humanitárias. <https://www.unicef.org/brazil/media/7561/file>.

Universidade Aberta do SUS. (2020). *Coronavírus – COVID-19*. Ministério da Saúde. <https://www.unasus.gov.br/especial/covid19/populacao>.

Wade, M., Prime, H., & Browne, D. T. (2020). Why we need longitudinal mental health research with children and youth during (and after) the COVID-19 pandemic. *Psychiatry research*, 290(113143). Doi: 10.1016/j.psychres.2020.113143.

Zhang, L., Zhang, D., Fang, J., Wan, Y., Tao, F., & Sun, Y. (2020). Assessment of Mental Health of Chinese Primary School Students Before and After School Closing and Opening During the COVID-19 Pandemic. *JAMA Netw Open*, 3(9), e2021482. Doi:10.1001/jamanetworkopen.2020.21482.

Anexos

Anexo A

Questionário

Dados Sociodemográficos – Seção destinada aos pais ou responsáveis

1. Qual é a idade da criança?

a) 6 anos b) 7 anos c) 8 anos d) 9 anos e) 10 anos f) 11 anos g) 12 anos

2. Qual é o gênero da criança?

a) Feminino b) Masculino c) Outro

3. Qual é a cor de pele da criança?

a) Branca b) Negra c) Parda d) Outro

4. Qual é a religião da criança?

a) Católica b) Evangélica c) Espírita d) Religiões de matriz africana e) Outra

5. A criança está matriculada em alguma modalidade de ensino?

a) Escola Pública b) Escola Particular c) Educação Domiciliar d) Não está matriculada

6. Qual é a série que a criança estuda?

a) 1º ano do fundamental b) 2º ano do fundamental c) 3º ano do fundamental d) 4º ano do fundamental e) 5º ano do fundamental f) 6º ano do fundamental g) 7º ano do fundamental h)

Outro i) Não estou estudando

7. Em qual turno a criança estuda?

a) Manhã b) Tarde c) Integral d) Não está estudando

8. Em que estado a criança mora?

1) Acre 2) Alagoas 3) Amapá 4) Amazonas 5) Bahia 6) Ceará 7) Distrito Federal 8) Espírito Santo 9) Goiás 10) Maranhão 11) Mato Grosso 12) Mato Grosso do Sul 13) Minas Gerais 14) Pará 15) Paraíba 16) Paraná 17) Pernambuco 18) Piauí 19) Rio de Janeiro 20) Rio Grande do

Norte 21) Rio Grande do Sul 22) Rondônia 23) Roraima 24) Santa Catarina 25) São Paulo
26) Sergipe 27) Tocantins

9. Com quem a criança mora?

a) Pais b) Pais e irmãos c) Avós d) Tios e) Outros

10. Com que frequência a criança realiza acompanhamento psicológico?

a) Nunca b) Raramente c) Ocasionalmente d) Frequentemente e) Muito frequentemente

11. A criança possui algum diagnóstico? Se sim, qual? Caso não possua, responda: “Não possui” _____

12. Quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

a) Nenhuma renda b) Até um salário mínimo c) De 3 a 6 salários mínimos d) Acia de 6
salários mínimos

Seção destinada às crianças

Como você soube que o corona vírus havia chegado ao Brasil ?



Minha família me contou



Vi na televisão



Vi na internet



Minha professora me contou



Meus amigos me contaram

Como você se sentiu quando soube que precisaria ficar em casa por causa do corona vírus?



Triste



Irritado (a)



Assustado (a)



Feliz



Não senti nada

Como você se sentiu quando soube que ao sair de casa precisaria manter distância das pessoas?



Triste



Irritado (a)



Assustado (a)



Feliz



Não senti nada

Como você se sentiu quando soube que ao sair de casa precisaria usar máscara?



Triste



Irritado (a)



Assustado (a)



Feliz



Não senti nada

No início da pandemia você saía de casa?

- Quase nunca saía Saía às vezes Quase sempre saía
-

Como você acha que estava sendo a sua relação com as pessoas que moram com você no início da pandemia?



Ruim



Mais ou menos



Boa

Com a chegada da pandemia, a vida de todo mundo mudou. O que mudou na sua vida que mais lhe deixou chateado?



Não ter aulas na escola.



Não ver meus amigos.



Não visitar meus familiares.



Não passear.



Nenhuma mudança me incomodou.



Outro.

No início da pandemia, como você se sentiu em relação ao fechamento da sua escola?



Triste.



Irritado (a).



Assustado (a).



Feliz.



Não senti nada.

No início da pandemia, você estava mantendo contato com seus amigos?

- Quase nunca
 Às vezes
 Quase sempre

No início da pandemia, de que forma você manteve contato com seus amigos?



Internet (redes sociais e jogos online)



Ligação celular



Pessoalmente



Nenhuma das respostas

No início da pandemia você estava...



Sentindo dificuldade para comer



Sentindo dificuldade para parar de comer



Se alimentando melhor



Nenhuma das respostas

No início da pandemia você estava...



Sentindo dificuldade para dormir



Tendo pesadelos



Fazendo xixi na cama



Dormindo bem



Nenhuma das respostas

No início da pandemia você estava passando mais tempo...



Usando o celular



Assistindo televisão



Jogando vídeo game



Brincando



Outras atividades

No início da pandemia você passou a sentir...



Dor de cabeça



Tontura



Coração acelerado



Cansaço



Nenhuma das respostas

Em geral, como você tem se sentido durante essa pandemia?



Desanimado (a)



Sozinho (a)



Assustado (a)



Irritado (a)



Tranquilo (a)



Animado (a)



Não sente nada

No início da pandemia você preferiu...



Não fazer nada



Conversar com outras pessoas sobre a situação



Se proteger da situação

No início da pandemia, quando surgia um problema você...



Se afastou das pessoas



Pediu para alguém resolver o problema



Pediu ajuda para resolver o problema



Tentou resolver o problema



Preferiu não fazer nada

No início da pandemia, quando se sentia irritado você...



Gritava



Chorava



Preferia não fazer nada



Tentava se acalmar

Para se divertir no início da pandemia você...



Praticava atividades físicas



Realizava desenhos, pinturas e/ou colagens



Acessava as redes sociais



Acessava jogos online



Lia livros



Brincava



Nenhuma das respostas

Quando precisa de ajuda, quem você procura primeiro?



Sua família



Sua professora



Seus amigos



Nenhuma das respostas

O que você pensa sobre a pandemia do corona vírus ?



Penso que é um momento ruim



Penso que é um momento normal



Penso que é um momento bom

O que você pensa sobre o futuro?



Penso que será ruim



Penso que será normal



Penso que será bom